

## UNIVERSOS DE SAUDADE NA MÚSICA DE LUIZ GONZAGA: A MULHER COM FRUTO DO NOSSO SER<sup>1</sup>

Elane Cristina do Amaral<sup>2</sup>

Erica da Silva Lins<sup>3</sup>

Janielly Souza dos Santos<sup>4</sup>

Rômulo Leite Amorim<sup>5</sup>

José Flôr de Medeiros Júnior ( orientador )<sup>6</sup>

Ao nos depararmos com a saudade pautada por Luiz Gonzaga em sua musicalidade, logo podemos perceber que este sentimento é antigo. Faremos observações na saudade cantada por Luiz Gonzaga com relação ao sertanejo que parte de sua cidade natal para outras localidades em busca de melhores meios para sobreviver, para sua família que é deixada para trás. Parte o sertanejo sem o conhecimento dos problemas que enfrentará em “terras” tidas como estranhas para este.

No início do século XX, o Nordeste começa a enfrentar uma série de dificuldades econômicas, políticas e sociais, no qual os principais prejudicados foram aqueles que faziam parte das camadas mais pobres da população, originários da zona rural onde eram pequenos proprietários, posseiros, arrendatários, na sua maior parte: a minoria era trabalhadora assalariada e quase todos acabavam sendo sumariamente ou gradativamente, “expulsos” ou “expropriados” pelos donos da terra. As grandes secas consecutivas também favoreceram esse processo migratório, existe que os pequenos proprietários e/ou arrendatários de terras não tinham como investir em seus bens materiais, para muitas vezes com o próprio dinheiro comprarem as passagens em direção ao Sudeste.

Em meio a este processo migratório do nordestino para o sudeste ele deixava para trás parte de sua história, ou seja, não ficam apenas as terras que um dia foram cultivadas por este homem, mas pequenos traços e objetos que fazem parte apenas de sua memória individual e que será levado por este nos caminhos em que ele percorre. Estas lembranças também serão recordadas pelos hábitos deste ser que não desaparecera repentinamente com sua mudança de local, porém, o passado está conservado independentemente do nosso espírito. Segundo Bosi

“o passado conserva-se e além de conserva-se atua no presente, mas não de forma homogênea. De um lado, o corpo guarda esquemas de comportamento de que se vale muitas vezes automaticamente na sua ação sobre as coisas: trata-se da memória-hábito, memória dos

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Simpósio Temático “História Cultural”, durante o XII Encontro Estadual de História da ANPUH-PB, realizado no Campus da Universidade Federal de Campina Grande, em Cajazeiras (PB), entre 23 e 28 de julho de 2006.

<sup>2</sup> Graduanda em História pela UEPB - Universidade Estadual da Paraíba. enale13@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Graduanda em História pela UEPB - Universidade Estadual da Paraíba. ericallins@hotmail.com

<sup>4</sup> Graduanda em História pela UEPB - Universidade Estadual da Paraíba. janiellysouza@yahoo.com.br

<sup>5</sup> Graduando em História pela UEPB - Universidade Estadual da Paraíba. amorimromulo@hotmail.com

<sup>6</sup> Professor do Departamento de História e Geografia da Universidade Estadual da Paraíba. juniorf@terra.com.br

mecanismos motores. De outro, ocorrem lembranças independentes de quaisquer hábitos: lembranças isoladas, singulares que constituíram autênticas ressurreições do passado”<sup>7</sup>.

Longe de casa estas lembranças afloram na memória do nordestino como uma saudade daquilo que está longe, ela procura forças pra superar os obstáculos que esta enfrentando nas boas recordações do seu tempo de criança ao qual todos eram amigos e brincavam juntas as mesmas brincadeiras. Outras vezes ao passar por uma rua e ver um casal abraçado logo recorda da sua amada, ao qual tanto tempo faz que não a ver, mas que logo para seus braços pretende voltar.

Sendo Luiz Gonzaga um nordestino migrante na cidade de São Paulo, e conhecendo bem a realidade nordestina ao qual, obrigava os seus próprios “filhos” a saírem de seu lar(casa), ele grava “A Triste Partida” como uma forma de denunciar a condição nordestina. A composição não é sua, mas assim que ouviu logo se interessou em grava-la, porém, o autor da música Antônio Gonçalves da Silva, que era um cantador de feira, poeta repentista de grade valor, conhecido pelo pseudônimo de Patativa do Assaré, que não aceitou a parceria e tão pouco quis lhe vender a música. Contudo, Luiz Gonzaga tendo o conhecimento da importância desta canção, ao qual não era uma simples melodia, como tantas outras cantadas, porque esta cantava a vida triste do nordestino. Gonzaga lançou a mesma, mesmo sem a permissão de seu autor em que fazia questão de focar seu nome sempre que a cantava, porém, esta composição obteve um grande sucesso.

“A Triste Partida” observada com um outro olhar, também poderá ser refletida como uma denúncia não apenas as condições deploráveis que os nordestinos viviam, mas também as mudanças políticas que ocorriam no Brasil ao qual estávamos saindo de uma democracia para enfrentarmos vinte anos de uma ditadura militar (1964-1984). Momento este em que o Brasil vivia sobre severas censuras sua liberdade de expressão fora perseguida, além de muitas mortes causadas pela repressão dos governos militares, tendo em vista que nem todos os cidadãos brasileiros calavam suas vozes, principalmente os estudantes. Todavia, este assunto é bastante amplo, no entanto não nos convém enfatiza-la neste contexto. O que pretendo ressaltar nesta pequena observação é que, os nordestinos fugiram da seca que os aterrorizavam e deploravam o seu semblante para morrerem vítimas da violência militar, a exemplo do estudante secundarista Edson Luís.

No entanto, mesmo diante de tais fatos as migrações Nordeste/Sudeste, não cessaram, era necessário para outros horizontes migrar em busca de sustento para a família, todavia a tristeza em seu olhar este homem não conseguirá disfarçar e para retratar sua angústia em ter que partir Luiz Gonzaga canta em “A triste Partida”.

“O carro já corre

---

<sup>7</sup> BOSI:2004,48.

No topo da serra  
 Oiando pra terra  
 Seu berço, seu lar  
 Meu Deus, meu Deus  
 Aquele nortista  
 Partido de pena  
 De longe acena  
 Adeus meu lugar”<sup>8</sup>.

Portanto, podemos perceber que o tema saudade é constante, nas canções do “Rei do Baião”. Saudade da terra, do lugar, dos amores, da família, dos animais de estimação, do roçado. O Nordeste parece sempre estar no passado, na memória, evocada saudosamente para quem está na cidade, geralmente São Paulo. Explicitado por Durval Muniz ao afirmar como o “nordestino” deita seu olhar sobre a grande cidade,

“São Paulo é vista, na maioria das vezes como a área da cultura moderna e urbana industrial, omitindo-se sua cultura tradicional e a realidade do campo. Já com o Nordeste se verifica o inverso. Este é quase sempre pensado como região rural, parecem ter passado no período colonial, são alocadas como cidade folclóricas alegres, cheia de luz e arquitetura barroca. Já a capital paulista, é vista como uma cidade que passou do burgo pobre, feia, triste e sem luz do período colonial, para a cidade moderna, rica movimentada, multicolorida, polifônica e cheia de luminosidade contemporâneas”<sup>9</sup>.

Todavia, não podemos esquecer que além da industrialização em desenvolvimento nas grandes capitais estas também eram favorecidas pelas indústrias que se instalavam em seus territórios como também intensificava-se os processos de construções de prédios, viadutos, dentre outras obras que exigiam muita mão-de-obra, para a qual não se fazia necessário muita capacitação, porém, o pobre migrante nordestino não era selecionado para chefiar as obras, este por sua vez era encarregado dos serviços pesados, e ao analisar a sua situação na cidade grande ele verifica que em sua vida não ocorreram mudanças que possibilitasse uma melhor condição de vida, além de se encontrarem distantes de seus familiares, e da terra natal.

Na medida em que as dificuldades de sobrevivência começam a aflorar no homem migrante o desejo de para sua terra natal voltar, e reencontrar o seu amor, perto dela ficar e nunca mais se separar.

“Trabaia dois ano,  
 Três ano e mais ano  
 E sempre nos prano  
 De um dia vortar  
 Mas nunca ele pode  
 Só vive devendo  
 E assim vai sofrendo  
 É sofrer sem parar”<sup>10</sup>.

<sup>8</sup> Patativa do Assaré – A Triste Partida

<sup>9</sup> ALBUQUERQUE JR: 2001, 104-105.

<sup>10</sup> Patativa do Assaré – A Triste Partida

A região nordestina, é este sertão mítico a que se quer sempre voltar. Sertão em que tudo parece estar como antes um espaço sem história, sem modernidade e avesso a mudanças. Um espaço preso ao tempo cíclico da natureza, dividido entre secas e invernos. A música de Luiz Gonzaga é sempre uma viagem a este “espaço afetivo” que ficou no passado, percebido menos como velocidade, movimento e mais como fixo. Espaço decodificado preferencialmente pelo tato e menos pela visão. Um espaço do toque na natureza e nos corpos. Espaço onde o homem e a natureza são solitários até no sofrimento. Nordeste da vida camponesa, no qual o trabalho em sua terra em épocas normais garantia a sobrevivência e a alegria, de homens simples fatalistas, moralistas de vida centrada na família e no trabalho estes também eram suplicantes em relação a Deus e às autoridades, voltadas às vezes, com os ricos que não cumpriam com o papel tradicional de proteção e assistência, assim como o discurso da seca, que desde o século anterior utilizava esse fenômeno como argumento para solicitar recursos, investimentos e obras nesse espaço do país as quais não eram realizadas.

Desta forma este espaço que ao mesmo tempo traz lembranças de amor, se transforma em dor, em um universo de saudade, ao qual as estrelas são associadas às mulheres, que procuram iluminar mesmo de forma singela e distante as estradas da vida que conduzem seu amado.

O Nordeste será o local no qual os meninos ainda brincam de roda, os homens soltam balões, onde ainda existem as festas tradicionais de São João. Lugar onde reina a sanfona. A cidade é o local da perda dos valores tradicionais, da vida longe da natureza, da perda da família, das almas maculadas. Local do trabalho triste e monótono. O sertão de Gonzaga é um espaço que, embora informado das transformações históricas e sociais que ocorre país, recusa estas mudanças.

Portanto, percebemos claramente nas músicas do “Rei do Baião” o conflito e a dor do nordestino ao ter que viajar para locais estranhos a seus olhos. Quanto mais os anos se passam, mais aumenta a vontade de retornar à terra natal, uma aflição toma conta do ser que não têm boas notícias que possibilitem seu regresso. Este homem que agora se encontra longe de sua família, que saiu em busca de trabalho na cidade grande, agora encontra “escravizado”, por dívidas ao qual o seu salário não dar para pagar as suas despesas na grande capital e ainda mandar para os que lá ficaram, tomando de conta da terra seca que por chuva espera. Lá na cidade sua moradia, chega até mesmo a ser desumana, não tendo dinheiro para pagar o aluguel de um pequeno espaço, divide com outros imigrantes nordestinos fundos de alguma pensão no qual não há privacidade para ninguém e aqueles que se encontram com sua família, casos raros, poderemos verificar as

---

mulheres prestando serviços domésticos para aqueles que se encontram sozinhos em troca de alguns trocados, para ajudar nas finanças da casa.

Todavia, os seus obstáculos não cessem por aí, além destas dificuldades enfrentadas, estes ainda convivem com a discriminação, saindo do interior e muitas vezes desconhecendo a tecnologia que já tinha desenvolvido vários aparelhos domésticos, a exemplo do fogão a gás, alguns tomaram um susto ao ver aquele eletro-doméstico, pois só conhecia apenas o fogo a lenha. Mas se no Sul a situação não era das melhores aqui no nordeste na segunda metade do século XX as grandes secas se intensificavam, o contexto de miséria e felizes daqueles que tinham alguém lá para os lados do sudeste. Inúmeros foram os filhos e esposos que fizeram acordos em sua empresa para mandar dinheiro para seus familiares evitando que os mesmos contraíssem doenças causadas pela desnutrição.

Esta migração feita principalmente pelos homens, que muitas vezes não eram registrados em cartório, ato que era feito pela necessidade de migrar, verificaremos jovens de 15, 16, 17 anos alterando a sua idade no momento do registro para poder migrar tomados pela ilusão de um salário digno na grande cidade. Tendo em vista que as verbas arrecadadas com o discurso da seca não chegavam até aqueles que realmente necessitavam, uma vez que na realidade existia era um grande descaso do governo federal para com os nordestinos, enquanto privilegiava outras regiões, fator este que intensificava ainda mais a pobreza da população nordestina, condição que muitas vezes lhe taxavam como preguiçosos (sem atividade). Mas como julga-los desta forma se este mesmo homem que travava uma batalha secular com a natureza, que nesta batalha se tornou acima de tudo um forte, embora endurecido e áspero, mas capaz de lutar para viver e se possível deixar a sua família antes mesmo de sair de sua “infância”.

As músicas de Luiz Gonzaga entre os migrantes participa da própria solidificação de uma identidade regional entre indivíduos que são igualmente marcados, nestas grandes cidades, por estereótipos como “baiano” em São Paulo e de “paraíba” no Rio de Janeiro. Eles começam só na grande cidade do sul, a se perceberem com iguais, como “falando com o mesmo sotaque”, tendo os mesmos gostos, costumes e valores, que não ocorria quando estavam na própria região. Mas do que agir no consciente de seus ouvintes, as canções gonzaguianas mexiam no inconsciente desses nordestinos em transmutação nas grades cidades. A sensação sonora presente traz pedaços de passado e espaços, fazendo o Nordeste surgir no sul ou o sul no Nordeste, ou ainda o Nordeste aparecer na Paraíba, em Pernambuco.

Gonzaga procura ligar suas canções as subjetividades díspares que vai produzir um “sentir nordestino”, instituir certa “visão nordestina” das formas e dos sentimentos, cantando a “verdade nordestino” com seu timbre de dor, tomando a sua própria forma de cantar um índice de regionalidade. São introduzidos em sua música uma sonoridade que busca

produzir uma sensação de proximidade da “realidade regional” por meios de gritos, estalar de chicotes, tinir de chocalhos, latidos de cães, mugidos de vacas, cantorias, pinicar de violas. As letras, como os próprios arranjos suscitam lembranças, emoções, idéias, ligadas a este espaço distante e abstrato nomeado de nordeste.

Dentre tantas outras canções, cantadas por Luiz Gonzaga, além de “A Triste Partida” destacaremos neste contexto a toada “Asa Branca”, composta por Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira cuja composição é de 1947. Esta toada também relatará a saudade daquele que parte e deixa para traz esposa e filhos. A dor, a insegurança e a saudade começam no momento da despedida, o homem não sabe as surpresas que o esperam, a mulher sente abandonada, naquele cenário de cor opaca, esta ainda terá que ter forças para encarar o papel de pai e mãe. O filho abraça o pai e lhe pergunta quando ele irá retornar este por sua vez que tanto fez para não partir e que tanto queria poder levar consigo a sua família, disfarça o seu olhar para longe, a voz quase não sai, olha fundo nos olhos de sua amada e diz para o filho que logo voltará e assim que a chuva cair, no seu roçado logo o verde vingará. Mas caso isto não ocorra logo, ele não poderá regressar, pedido ao filho mais velho, que cuide de sua mãe como se fosse o próprio dono da casa. Contudo, ele e sua amada sabem que as coisas não serão tão simples assim, e que um vazio tomará conta dos dois corações.

“Hoje longe muitas léguas  
 Nessa triste solidão  
 Espero a chuva cair de novo  
 Pra eu voltar pro meu sertão.  
 Quando o verde dos teus olhos  
 Se espaiá na plantação  
 Eu te asseguro, não chores não, viu  
 Que eu voltarei, viu, meu coração”<sup>11</sup>.

Esta é uma promessa de um migrante, cantada por Luiz Gonzaga, dentre tantas outras que foram feitas pelos homens que partiram. Todavia, não podemos deixar de ressaltar que esta jura nem sempre era cumprida, porém, o homem ao se defrontar com o novo, e sem possibilidades financeiras para retorna a sua terra natal e tão pouco trazer a sua família para o sul, além das inúmeras dificuldades para si comunicarem, no qual lhe restavam apenas as cartas escritas, muitas vezes por terceiros, principalmente no que se refere à mulher, na qual poucas sabiam ler e escrever, ficando a espera muitas vezes de alguém que disponibilizem um pouco de tempo para expressar a aflição daquele que está tomando pela saudade.

A mulher tomara o espaço de este ser nordestino que fica a espera de notícias de seu amado, de chuva para a plantação, representando o papel de pai e de mãe, a esperança por

---

<sup>11</sup> Humberto Teixeira e Luiz Gonzaga – Asa Branca

dias melhores não cessão, mas nem sempre eles vieram, principalmente quando está mulher é abandonada definitiva por seu amado. Aos poucos estas mulheres conhecerão o espaço masculinizado, a partir de então está mulher irá saber circular pelo universo masculino, se quiserem sobreviver na ausência do seu amado.

Neste momento a mulher representará o fruto do nosso ser, diante da saudade que todos os nordestinos sentem daqueles que partiram para longe, sejam estes pais, filhos, ou esposos, como não sentir a dor de um destino incerto, aquele que um dia jurou nunca se separar de nós, agora vemos partir para longe de nossos olhos e o medo que este não volte invade o nosso ser de saudade. Saudade sentida por todos aqueles que vivem longe daqueles que amam, mas que deixaram o seu coração no Nordeste. Esta situação de saudade eterna, próxima à melancolia, de sentimento de perda, de condição última do ser terminou sendo cantada em verso e prosa por Luiz Gonzaga. O Rei do Baião, como o mesmo foi intitulado, descreve, com melancolia, que,

“Até mesmo a asa branca  
Bateu asas do sertão  
Então eu disse a deus Rosinha  
Guarda contigo meu coração<sup>12</sup>”.

O homem parte para longe de sua amada, deixando com ela o seu coração. A saudade já existe, antes mesmo dele se cobrir pelas curvas das estradas que conduzem o seu destino. A partir, do instante em que o homem deixa para trás algo, ou até mesmo momentos em que ele não poderá mais viver, a saudade passará a fazer parte de seu cotidiano. Para Durval Muniz: “a saudade é um sentimento pessoal de quem se percebe perdendo pedaços queridos de seu ser, dos territórios que construiu para si”<sup>13</sup>, ou de territórios que foram institucionalizados para o homem. Como é o caso da instituição do Nordeste enquanto espaço.

A saudade, portanto, é algo que chega sem avisar que às vezes nos faz ri e outras chorar. Mas estas recordações do passado são necessárias para suprir o vazio que sentimos no presente. Longe de sua casa e da esposa, até mesmo uma canção faz o homem corar. Todavia não temos como definir este sentimento tão pessoal, a emoção que ele provoca em cada um de nós é única, e não podemos descrevê-lo,. Também não podemos julgá-lo como nosso, ele atinge todos os seres, racionais ou irracionais, porém se observarmos os animais podemos verificar sua aflição quando afastado do seu dono, filho, dentre outros. No entanto a saudade é um sentimento de todos, mas incomparável, e que sentimos muitas vezes sem perceber, mas não temos como nos afastar deste sentimento, que nos deixa triste e feliz.

Longe de casa e tomado pela saudade, este homem implora a Deus por chuva, sua família reza sem cessar, mas agora também carrega um sentimento contra Deus, tomando a falta

<sup>12</sup> Patativa do Assaré – Asa Branca

<sup>13</sup> ALBUQUERQUE JR: 2001, 65.

de chuva como castigo, porque no sudeste chove tanto, enquanto no seu berço a seca castiga sem trégua, o chão rachado, não há água nem para beber. Sem respostas para seus questionamentos continua a suplica por Deus e por todos os santos conhecidos, sem conseguir compreender o motivo de tanto castigo.

A chuva não simbolizaria apenas a lavoura não perdida, mas a superação do sentimento de saudade pelo retorno daquele que um dia partiu, e da permanência dos que buscam ir. A chuva, cantada em Gonzaga, vai além do fenômeno meteorológico, é a superação do que foi saudade.

Este suplício pertence a um homem nordestino, centrado na vida familiar, um homem apegado à terra, contra a qual luta insistentemente. De cultura diferenciada e supersticioso, capaz de acreditar em assombrações e manifestações do sobrenatural,. Era acima de tudo um homem honesto e hospitaleiro. Um homem conservador, e que sempre procurou transmitir a sua educação de geração, sempre acusado indolente, mas requisitado quando se precisa derrama sangue, em defesa da manutenção do status quo e da nacionalidade brasileira.

O nordestino é um homem eternamente injustiçado pelas outras regiões e pelo governo federal. A energia, a atividade e a resistência do homem no nordeste seriam sempre colocadas em dúvida. Estes críticos quase sempre não conheciam o Nordeste, repetiam lendas sobre os costumes e a vida na região. O nordestino, sempre apresentado como um retardatário, inativo, incapaz de contribuir para o desenvolvimento de uma economia moderna no país, era vítima daqueles que não comparavam a situação em que vivia e as condições que eram oferecidas aos brasileiros de outras regiões do país. A luta tremenda que empreendia com a natureza faltando-lhe assistência do governo que parecia não acreditar em sua capacidade , o nordestino era vítima desta falta de incentivo para o progresso quer do ponto de vista moral ou do ponto de vista material.

Portanto, verificamos que nem sempre este homem que saía de sua terra natal alcançava os seus objetivos, em terras estranhas, além de enfrentarem discriminação e zombarias feitas com a sua personalidade, todos os seus gestos muitas vezes será motivos de risos, às vezes este homem chegara a sentir que não esta no mesmo Brasil em que pertence a sua região nordeste, porém, até algumas palavras são desconhecidas de seu vocabulário, mas infelizmente não lhes restam muitas opções, tendo este que ficar para enfrentar a realidade que o cerca.

Do outro lado teremos a sua amada, razão essencial que alimenta a sua esperança em dias melhores. Esta mulher, que se sente “abandonada” do seu amado, terá que enfrentar uma série de dificuldades, visto que, estamos falando de uma mulher que vivia as mudanças ocorridas no século XX. Ao qual não podemos deixar de ressaltar que nas primeiras



décadas do século XX existia uma grande diferença entre as mulheres do campo ou do interior cantadas por Luiz Gonzaga e as mulheres da cidade.

Se formos fazer uma simples comparação, logo verificaremos as grandes diferenças entre elas. Quando olhamos para as mulheres das cidades desenvolvidas logo percebemos que o seu padrão de vida já não mais condiz de forma fiel a de uma família patriarcal, ao quais todos os direitos lhes eram negados cabendo-lhes uma obediência sem questionamentos a seus pais e posteriormente aos esposos. Estas também já conduziam um grau mais elevado de intelectualidade ao qual a sala de aula já não mais pertence a um espaço privilegiado aos homens. Tudo nesta mulher moderna esta se modificando mais rapidamente com relação às mulheres do interior, nem mesmo as suas vestimentas serão as mesmas após a descoberta das calças jeans, mini-saias, maiôs, dentre outros, que ainda eram vistos de forma vergonhosa para a mulher do campo.

Além de não conhecer a modernidade e a industrialização que desenvolvia a tecnologia, esta mulher também não era engajada nos assuntos políticos de seu país, aos quais vários acontecimentos que marcavam o Brasil e o mundo não chegavam aos seus ouvidos, e mesmo se chegasse, devido à falta de informações sobre o que todas aquelas transformações significavam talvez ela não compreendesse o seu contexto histórico, a exemplo da era Vargas ou da segunda guerra mundial, que envolveu o mundo inteiro, enquanto muitos camponeses não tinham sequer o conhecimento do que representava tais mudanças para o mundo ou a nação.

De repente esta mulher a quem todos os direitos ainda lhes eram negados, se vê a frente de sua família, tendo que superar as dificuldades e educar seus filhos, além de viver uma situação que talvez ela nunca tivesse imaginado que ocorresse, tendo que se separar e seu amado, uma mulher que sempre fora educada para ficar ao seu lado independente das circunstâncias. Agora além de ter que superar esta separação forçada ainda teria que aprender a tomar decisões sozinhas, e é a partir deste momento que ela se revelaria forte diante dos fatos que a cercam. Tomadas pela saudade daquele que partiu a mulher tentara mediar um lado masculino, racional e um outro materno e sensível. As mudanças chegaram-lhe sem avisar, mas como enfoca Durval, “o nordestino era acima de tudo um forte<sup>14</sup>”, e estando a mulher enquadrada dentro deste universo e representando o fruto do nosso ser, ou seja, ela esta representando todos aqueles que se sentem invadidos pela saudade daqueles que se encontram distantes, será aplaudida por superar, de cabeça erguida todos os problemas que lhes foram apresentados, esperando o regresso do seu amado, estando ambos invadidos pela saudade que lhes deram forças e sabedoria para superarem os obstáculos.

---

<sup>14</sup> ALBUQUERQUE JR:2003,207.

A música de Luiz Gonzaga, denúncia, a triste realidade do povo nordestino, enfatizando uma migração que se intensifica a partir da década de 30, na qual foram causadas pelas grandes secas, e a concentração de terras nas mãos de poucos. Neste período o Nordeste vivencia os mecanismos de modernidade no campo(maquinas industriais) que aumentavam a produção agrícola e diminuía a mão-de-obra. O que veio a provocar um grande crescimento populacional nas grandes capitais, e este homem, que deixava a sua família para traz e ia buscar emprego na cidade grande, novamente tem a sua mão-de-obra desvalorizada, devido esta grande concentração populacional, que contribuirá para que a oferta de mão-de-obra seja superior à oferta de empregos, ou seja, a competitividade fará com que o empregador contrate aqueles que se conformam em ganhar menos, o que proporcionará maiores lucratividades para as empresas.

## **BIBLIOGRAFIA**

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes** . 2ª ed. Recife: FJN, Ed. Massangama; São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_.**Nordestino:uma invenção do falo – Uma história do gênero masculino**(Nordeste – 1920/1940): Edições Catavento, 2003.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembranças de velhos**. 11ªedição. São Paulo: Companhia das letras, 2004.

DREYFUS, Dominique. **Vida do Viajante: A saga de Luiz Gonzaga**. São Pulo: Editora 34, 1996.

SCHWAREZ, Lilia Maritz.(orgs). **História da vida privada no Brasil 4: Contraste da intimidade contemporânea**. São Paulo: Editora Schwarez, 2004.

## **MUSICOGRAFIA**

**A Triste Partida:** Patativa do Assaré

**Asa Branca:** Humberto Teixeira e Luiz Gonzaga.